

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI CAMPUS PROFESSOR
ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
HISTÓRIA**

LUANE ALMEIDA DE OLIVEIRA

**ENTRE MARÉS E MEMÓRIAS: EDUCAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES DA
PEDRA DO SAL - PARNAÍBA/PI (1980)**

PARNAÍBA – PI

2025

LUANE ALMEIDA DE OLIVEIRA

**ENTRE MARÉS E MEMÓRIAS: EDUCAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES DA
PEDRA DO SAL - PARNAÍBA/PI (1980)**

Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História, sob orientação do Professor Doutor Fernando Bagiotto Botton.

PARNAÍBA-PI

2025

Entre Marés e Memórias: Educação e Trabalho das Mulheres da Pedra do Sal - Parnaíba/PI
(1980)

Luane Almeida de Oliveira¹
luaneoliveira@alunouespi.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o cotidiano das mulheres de uma comunidade pesqueira e praieira do litoral do Piauí (Pedra do Sal). Para isso foram analisadas as falas de três mulheres nativas da comunidade Pedra do Sal por meio da História Oral, além de outros trabalhos acadêmicos sobre a comunidade. O estudo discute como funcionavam a educação e o trabalho das mulheres da comunidade na década de 1980 em Parnaíba (PI) com o objetivo de entender qual o tipo de formação educacional e quais as oportunidades de trabalho para essas mulheres em uma comunidade onde predominava o trabalho tradicional e a educação informal. A década de 1980, período da análise, foi impactada por transformações contextuais na infraestrutura da cidade de Parnaíba afetando a comunidade local.

Palavras- Chave: Mulheres. Educação. Trabalho. Comunidade tradicional

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – Campus Alexandre Alves de Oliveira – Parnaíba-PI

INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais têm se tornado objeto de estudo e ganhado cada vez mais espaço na produção acadêmica nas últimas décadas. Esse movimento pode ser observado no debate historiográfico e interdisciplinar, que se ampliou consideravelmente, ganhando profundidade a partir das contribuições de pensadores nativos e dos agravamentos das crises ambientais. Como afirma Breno Trindade da Silva:

“No Brasil, assim como no mundo, uma infinidade de grupos organizados a partir de identidades com vínculos ecológicos, étnicos, étnico-raciais trouxeram para o debate, não somente suas reivindicações por reconhecimento, mas colocaram-se como agentes ativos incidindo nas construções conceituais, apresentando rupturas de paradigmas e apontando para novas perspectivas ontológicas. Muitos dos grupos abrigados na categoria de povos e comunidades tradicionais, ao fazerem frente aos vários conflitos que ameaçam sua existência, apresentam para nós outros mundos possíveis.” (SILVA, 2022)

Essa constatação se evidencia em áreas como a antropologia, sociologia, história e ecologia, por meio de estudos de caso, análises bibliográficas e pesquisas participativas que reconhecem esses grupos como protagonistas na construção de novos paradigmas sociais e culturais.

Neste contexto, uma comunidade litorânea de pescadores e pescadoras localizada no litoral do Piauí me chamou a atenção em diversas leituras que fiz sobre a planície litorânea. A comunidade da Pedra do Sal – comunidade pesqueiro-praieira – localizada na cidade Parnaíba, uma das quatro cidades do pequeno litoral do Piauí, me foi apresentada em leituras sobre o modo de vida tradicional na região. É perceptível, nas produções acadêmicas² que a abordagem de parte dos trabalhos apresenta constantemente a contraposição entre esse modo de vida

² MAURÍCIO, Francisco Raphael Cruz. Os filhos do lugar: crônicas da territorialidade pedral. Tese de doutorado, Sociologia, UFC, 2020.

MAURÍCIO, Francisco Raphael Cruz. Andar e viver tranquilo: movimento e estabilidade no litoral piauiense. In: GUEDES, André Dumans; SOUZA, Candice Vidal et al. (Orgs.). Movimentos, mobilidades, lugares: antropologias das mobilidades. Belo Horizonte: ABANT, 2023. p. 276-292. DOI: 10.48006/978-65-87289-16-8-9. OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. Mar à venda: pescadores e turismo no "Piauí Novo" (anos 1970) Dissertação. Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017. OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. Casas de lenha, bolos e trabalhar fora: labuta feminina e mulher em narrativas de Pedra do Sal. Encontro Regional Sudeste de História Oral. Alteridades em tempo de (in)certeza: escutas sensíveis.

tradicional dos homens e mulheres nativos e as transformações urbanísticas na cidade criando dois espaços, ou “dois mundos” sendo um deles o espaço que resguardou elementos tradicionais no modo de vida dos residentes locais e o outro espaço representado pela “cidade” de Parnaíba e seus bairros urbanizados. Essa contraposição defendida na literatura acadêmica em Parnaíba será apresentada ao longo deste trabalho.³

Este artigo tem como principal objetivo compreender as relações sociais e culturais dentro da comunidade citada, com foco no trabalho e no processo educacional da mulher nativa da comunidade.

Nota-se que há um destaque nessas produções para a relação de interdependência destes dois mundos tão distintos, onde ora a comunidade se apresenta como fonte de abastecimento para a “cidade”, ora a “cidade” se mostra como local em que os moradores vão para buscar saúde, educação e até mesmo trabalho.

Isso nos leva ao ponto central do meu objeto de pesquisa: *a educação formal das mulheres da Pedra do Sal*. Uma educação de mulheres em uma comunidade permeada de elementos considerados tradicionais.

Dentre os vários questionamentos que me fiz durante as leituras, escolhi alguns para guiar esta pesquisa. Os saberes tradicionais se impõem sobre a educação formal? Tendo em vista as dificuldades de locomoção entre os espaços citados, quais os desafios para aquelas que optaram por este caminho? A educação formal trouxe transformações pessoais e profissionais na vida dessas mulheres?

Sendo assim, escolhi como eixos para nortear esta pesquisa os conceitos de “educação” e “trabalho” correlacionando-os com conceitos como “natureza” e “meio ambiente”. A escolha desses conceitos ocorre da necessidade de compreender como as atividades laborais ligadas ao uso do meio natural (extrativismo, pesca, bordado, renda, artesanato, etc.) influenciaram ou não a formação individual e social dessas mulheres da comunidade. Aqui, me pergunto se elas se identificam realmente como mulheres tradicionais e até que ponto isto foi uma escolha, necessidade ou imposição. Se essas mulheres optaram por outros caminhos ou outras profissões dentro e fora da comunidade e se houve ou não limitações no sentido material no momento dessas escolhas. Em resumo, pretende-se aqui entender o cotidiano dessas mulheres e sua relação com o meio natural na década de 1980.

³ A contraposição entre uma ideia de cidade urbanizada e desenvolvida e a praia pobre, rural e “atrasada” socialmente é apresentada em jornais e panfletos, assim como na literatura sobre a cidade de Parnaíba. Este e outros pontos são discutidos pela produção acadêmica parnaibana. Estes trabalhos acadêmicos e as fontes citadas são apresentados ao longo deste artigo.

A escolha por entender a *educação* dessas mulheres no período citado ocorre pelo fato de, na comunidade tradicional, esta educação muitas vezes ser voltada para o trabalho no campo, o que dificulta a separação do que é educação e do que é trabalho no cotidiano da comunidade.

Quanto ao recorte temporal, este trabalho compreende o período da década 1980. A escolha do recorte foi feita considerando algumas transformações contextuais, especialmente no plano urbanístico e na infraestrutura da cidade de Parnaíba. A construção da ponte (1975) e da estrada que ligam as comunidades insulares ao restante da cidade e a construção da primeira escola de educação básica da comunidade na década de 1980 são alguns dos eventos históricos que nos motivaram nesta escolha.

Entre as fontes analisadas, a análise da trajetória de vida de 3 mulheres moradoras da Pedra do Sal será torna-se imprescindível para a conclusão deste trabalho. As narrativas destas mulheres sobre suas vivências e experiências no período citado podem nos dar novas perspectivas sobre as relações de educação e trabalho no local. É importante frisar que para a análise das falas dessas moradoras, utilizo como recurso teórico-metodológico a *história oral*. Concordo com Alessandro Portelli quando este afirma que

fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido o controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.” (Portelli, 1997, p.37).

Na escolha das colaboradoras⁴, optamos por entrevistar mulheres da comunidade que trabalhavam ou estudavam no contexto da década de 1980. Independentemente da idade dessas mulheres, é importante aqui compreender o que é ser mulher da Pedra do sal em 1980 e como elas se percebem enquanto mulheres neste recorte espacial e temporal.

Entrevistei três mulheres⁵ que se encaixavam na proposta sendo elas Rosa, Margarida e Jasmim. Enquanto Jasmim era uma jovem estudante da comunidade na década de 1980, as demais eram mulheres adultas e adentravam no mercado de trabalho como professoras da comunidade naquele contexto. Hoje, Jasmim segue como artesã, educadora e ativista dentro e

⁴ O conceito de colaborador, sistematizado por José Carlos Sebe Bom Meihy, refere-se ao sujeito que participa ativamente da produção da narrativa oral, não apenas como fonte de informação, mas como agente que compartilha experiências e interpretações sobre sua própria trajetória histórica (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020).

⁵ As entrevistas ocorreram no ano de 2025 nas residências das próprias moradoras. Em um trabalho onde visitamos a comunidade, dialogamos com moradores e moradoras e buscamos vivenciar o cotidiano do local, as colaboradoras abriram as portas de suas casas e me receberam para r conversas. As entrevistas ocorreram em dias distintos e foram gravadas, transcritas e levadas às colaboradoras para que elas assinassem um termo autorizando a publicação de suas falas.

fora comunidade enquanto as demais são professoras aposentadas. Logo, podemos afirmar que todas as colaboradoras estão ligadas à educação formal ou informal no contexto citado.

Além da fala das mulheres, analiso também trechos de jornais e documentos sobre a comunidade. O jornal *Inovação*⁶ aparece como fonte escrita analisada nesta pesquisa. Segundo José D'Assunção Barros

Para vislumbrar todas as potencialidades e desafios que os jornais apresentam aos historiadores como fontes históricas, devemos ultrapassar o senso comum e essa sensação de franca familiaridade que os habitantes das cidades modernas têm em relação a estes meios de comunicação e de produção de discursos que habitam a nossa vida diária e já fazem parte da paisagem urbana desde os três últimos séculos. (Barros, 422 pg. 221.)

Entendemos a partir do autor citado, a importância do cuidado no uso dos jornais como fontes históricas. O jornal citado foi escolhido por apresentar a comunidade em suas matérias durante o período estudado.

Sobre a estrutura do texto, destaco que foi necessário dividi-lo em três partes. Na primeira parte, apresento a comunidade da Pedra do Sal com intuito de destacar os elementos que a caracterizam como comunidade tradicional. Neste tópico também é feita uma apresentação de alguns trabalhos acadêmicos sobre a Pedra do Sal com o objetivo de entender como as mulheres nativas – objeto de nosso estudo – foram representadas. Na segunda parte, destacamos o processo de formação (educacional) das crianças da comunidade no intuito de compreender o que era a educação na comunidade na década de 1980. Destacamos as atividades tradicionais de modo geral para no fim, destacar a educação das mulheres no contexto.

No terceiro e último tópico deste artigo foi possível destacar a ideia de “trabalho” das mulheres da Pedra do Sal. Apesar da utilização dos conceitos de trabalho e educação como norte para a pesquisa, destaca-se aqui que muitas vezes “furamos” essas bolhas à medida em que o cotidiano das mulheres vai se desenhando em suas falas. Esclarecidos estes tópicos, acredito que é possível lançar aqui um novo olhar sobre a comunidade da Pedra do Sal a partir do que as mulheres podem nos contar.

A comunidade da Pedra do Sal

A cidade de Parnaíba, localizada no norte do estado do Piauí é uma cidade litorânea banhada pelo principal rio do estado e também pelo oceano Atlântico. Localizada a 366 km da

⁶ O *Jornal Inovação de Parnaíba* foi um periódico alternativo que circulou na cidade de Parnaíba entre as décadas de 1970 e 1990. “De forma ininterrupta o periódico foi produzido durante dez anos (1977- 1987) e, de forma alternada até o início dos anos de 1990” sendo idealizado e produzido por Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa. Mascarenhas (2009, p.13)

capital, a cidade possui belezas naturais como lagoas, dunas, vegetação litorânea e manguezais com uma fauna e flora exuberante dentro do sistema costeiro.

Classificada como zona rural da cidade, a 16 km do centro urbano, ali localizam-se algumas das comunidades rurais e dentre elas, destaca-se a comunidade da Pedra do sal. Pedro Vagner Oliveira Silva, ao analisar este espaço destaca que

Para além das particularidades ecológicas e culturais da ilha e de seus habitantes, havia ainda as relações deste território com a Parnaíba do continente. Assim como os bairros suburbanos do continente, os povoados insulares Morros da Mariana, Canto do Igarapé, Cal, Tatus e Pedra do Sal, eram igualmente pobres. Contudo, a característica marcante nas fontes analisadas era a função destes lugares de proverem a cidade. (Oliveira, 2017, p. 58)

A pequena comunidade, caracterizada ainda nas últimas décadas do século XX como uma comunidade essencialmente *periurbana*⁷, chama a atenção por preservar diversos elementos que marcam o imaginário parnaibano como um lugar “fora da cidade”.

Este espaço⁸ destacou-se pelos elementos geográficos, socioculturais e naturais que o diferenciou dos demais bairros de Parnaíba. O cenário, repleto de dunas, lagoas, com vegetação característica e delineado pela orla do mar, ficaria marcado no imaginário parnaibano como um outro espaço, distante e fora da cidade, sendo muitas vezes caracterizado como “um outro mundo”. Como explica Francisco Raphael Cruz Maurício:

Apesar de a Pedra do Sal pertencer administrativamente ao município de Parnaíba, estar em Pedral é percebido como estar fora da “cidade”, mas dentro da “ilha”, sendo comum ouvir dos ilhéus, “vou a Parnaíba”. Ir a Parnaíba é ir até o hospital, ao colégio, ao comércio, à rodoviária. Assim, o “povoado” é percebido por seus habitantes como englobado pela Ilha Grande de Santa Isabel e não pelo município de Parnaíba, que assume a posição desse outro lugar, a cidade, na cosmografia (LITTLE, 2003) dos moradores. (Maurício, 2021, p. 279)

A comunidade da Pedra do sal diferenciou-se de outros bairros de Parnaíba devido, em parte, ao modo de vida dos seus moradores e moradoras que mantinham e ainda mantém, até certo ponto, fortes laços com a pesca e o extrativismo, que foram e ainda são influenciadores da economia e modo de vida local, caracterizando-a, portanto, como pesqueira⁹ e praieira.

⁷ O conceito de “Periurbano” ou “Rurbano”, apesar da diferença na terminologia, caracteriza áreas geográficas localizadas além dos subúrbios de uma cidade. Corresponde a um espaço onde as atividades rurais e urbanas se misturam, dificultando a determinação dos limites físicos e sociais do espaço Urbano e do Rural. Para mais, ver: LEFEBVRE, Henri. **Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

⁸ Para Milton Santos “espaço é o conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 1996, p. 51).

⁹ Diegues afirma que as comunidades tradicionais no Brasil, como por exemplo, as comunidades pesqueiras, conservaram uma multiplicidade de elementos que se aproxima dos elementos das culturas indígenas e (...) apresentam um modo de vida peculiar, sobretudo aqueles que vivem das atividades pesqueiras marítimas. (...)Os

Antônio Carlos Diegues ao abordar as peculiaridades das comunidades litorâneas da região amazônica entre o Piauí e o Amapá os define como comunidades de cultura praieira. Segundo ele

Os praieiros são moradores da faixa litorânea da região amazônica compreendida entre o Piauí e o Amapá. São genericamente chamados de pescadores, pescadores artesanais, mas apresentam características socioculturais que os diferenciam das outras comunidades litorâneas, como os caiçaras e jangadeiros. Os praieiros são muito influenciados por uma grande diversidade de ecossistemas e habitats que se caracterizam por grandes extensões de mangue, litoral muito recortado, e marcado por uma grande amplitude de maré, ilhas e também praias arenosas e dunas, como ocorrem nos lençóis maranhenses” (Diegues, 1999, p.61).

Quando buscamos a formação da comunidade, nos deparamos com narrativas sobre as famílias que se fixaram nas proximidades ao redor do Farol próximo ao mar ainda no início do século XX. Como afirmam os depoimentos buscados por Rocha (2015) “a Pedra do Sal aconteceu com a presença de mais ou menos 15 casas ao redor do farol. A casa mais próxima ao farol pertencia ao morador mais velho e ficava próxima ao morro (...)” (Rocha, 2015, p.29).

A distância entre as comunidades litorâneas e o resto da cidade propiciou um certo “isolamento” delas, contribuindo para que Pedra do sal conservasse suas características mais tradicionais. O reflexo dos “surtos” de urbanização que intensificaram o crescimento da cidade de Parnaíba pouco afetavam a vida no litoral, pelo menos não na mesma proporção em que transformavam outras localidades da cidade. Os ciclos de desenvolvimento econômico da cidade no decorrer do século XX pouco influenciaram na vida das pequenas comunidades devido ao ínfimo contato entre centro e litoral. Enquanto a vida na comunidade se modificava em ritmo e modo diferenciados, Parnaíba experimentava o *boom* do extrativismo na primeira metade do século. Josenias Silva explica que

Em meados do século XX, favorecida pelo Boom da economia extrativa no Estado, Parnaíba iniciou seu segundo ciclo de urbanização – desta vez marcado pelo adensamento populacional e pelos interesses de uma elite que passou a exigir do poder público uma atenção especial no sentido de oferecer as comodidades que já se viam nas grandes metrópoles do país. Nesse período, Parnaíba pôde contar com inúmeras casas de representação comercial das mais importantes firmas nacionais e estrangeiras, o que lhe deu um papel estratégico para a inserção do Piauí na rota do comércio internacional (Silva, 2012 p.13).

Enquanto a cidade transformava-se com o surgimento de novos bairros, novas ruas, novas casas e prédios, a parte litorânea permaneceu pouco alterada do ponto de vista urbanístico. Essa diferenciação na paisagem local se intensificou à medida em que a parte continental de Parnaíba se modificava buscando adquirir cada vez mais aspectos que a

pescadores, sobretudo os artesanais, praticam a pequena pesca cuja produção em parte é consumida pela família e em parte é comercializada (DIEGUES, 1999, p. 58-59).

identificassem com as grandes metrópoles brasileiras. Construiu-se aos poucos um quadro de elementos que separavam a *urbe* e as comunidades litorâneas.

Outros elementos como os problemas sociais nas comunidades ou a visão estereotipada do modo de vida na região também foram utilizados, nos anos anteriores à década de 1970 (década de construção da ponte Simplício Dias), para diferenciar e até mesmo estigmatizar tais comunidades. Estes elementos não só identificavam as comunidades do litoral como também as diferenciavam “da cidade” parnaibana.

Ao analisarmos a comunidade Pedra do Sal devemos lembrar, como afirma Eric Hobsbawn que “provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história” (Hobsbawn, 2001, p.16).

Cabe apontar que a relação entre o trabalho, a educação e o meio natural na comunidade Pedra do Sal foram amplamente discutidas pelos autores já referenciados. A formação da comunidade e as principais transformações até aqui discutidas nos ajudam a entender o papel das moradoras residentes da comunidade nesse processo de construção do modo de vida local.

O tradicionalismo na comunidade

Os moradores da Pedra do Sal, com base em elementos como trabalho, lazer e educação ligados ao meio natural, se reconhecem como comunidade tradicional. Na definição legal as comunidades tradicionais são(...) grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007).

Aplicando essa definição a comunidade Pedra do Sal observa-se que o trabalho tradicional desempenha papel fundamental na construção de sua identidade. As atividades muitas vezes ligadas a pesca, extrativismo, agricultura e artesanato são transmitidas entre gerações e apresentam não apenas um meio de sobrevivência, mas também um modo de vida que se construiu a partir da relação com a natureza, reforçando os laços de pertencimento e continuidade cultural. Essa relação entre trabalho e meio natural se dá na construção do espaço. Para Milton Santos “não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço” (Santos, 1996, p.193)

A definição de comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados, como citado acima, pode ser percebida na fala de Norma Sueli, moradora da comunidade ao afirmar:

“Nós somos sete filhos e ele criou os sete filhos só na pesca. E a minha mãe ajudava junto com ele. Nós somos seis irmãs mulheres e um homem e a gente ajudava só na parte do extrativismo e da pesca nas lagoas, do caju, desses frutos que a gente cita, murici, guajiru, pra ajudar com a renda da família. Já vem assim nossa geração. O meu avô, o pai da minha mãe também, foi um grande pescador da Pedra do Sal, ensinou muita gente dessa região aqui. Ele vinha pescar aqui na Pedra do Sal, ele vinha por aqui, por essa área. E vinha a pé, quando ele voltava, as vezes quando ele voltava cedo, ele via as abelhas e vinha com a gente depois tirar as abelhas dessa região, outro dia eu fui andando a pé pra lá, lembrando um pouco. *Mas assim, eu me sinto, sou tradicional, porque eu cresci e minhas irmãs cresceram usando essas áreas, né?* Tanto pra extrair o caju e pra nos sustentar também.” (MAURÍCIO, Raphael Cruz,2020).

O depoimento demonstra transmissão de saberes em atividades que envolvem o uso do território e dos recursos naturais bem como técnicas tradicionais, além do próprio reconhecimento por parte da moradora. Nesse sentido, a comunidade citada se torna um bom exemplo do que o decreto estabelece como tradicional, não apenas por suas atividades produtivas, mas pela forma como essas atividades organizam a vida coletiva, a memória familiar e o pertencimento ao espaço. Elementos que também estruturam a construção da coletividade.

Em vários trabalhos analisados no decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que o conceito de “comunidade tradicional” e outros ligados a este, nortearam diversas pesquisas acadêmicas sobre a comunidade. Em sua tese de doutorado em sociologia, Raphael Cruz Maurício afirma, ao analisar a comunidade Pedra do Sal, que “a pessoa tradicional é aquela que conhece o território da ilha ao ponto de utilizar seus recursos e, assim, garantir o sustento a sua família. (MAURÍCIO,2020).

Importante notar que o trabalho do sociólogo apresenta várias falas de moradores e moradores que se identificam como tradicionais. Ainda sobre este tema, Francisco Raphael Cruz Maurício Cruz defende que

“ser tradicional para o morador da Pedra do Sal aparece associado a ter uma renda que provém de atividades realizadas no mar, nas lagoas, no mangue, e nas matas, opondo-se ao trabalho na construção civil e com “carteira assinada”. Essa renda garante o sustento da família e não ter sustento é uma condição para “andar aperreado”. (MAURÍCIO, Raphael Cruz,2020).

Já para Oliveira, que também analisa a comunidade em alguns trabalhos de História incluindo sua tese de doutorado, a pesca seria o elemento central que viria a definir esse tradicionalismo da comunidade. Ele defende que a “comunidade em questão, tradicionalmente

ao longo das gerações viveu quase exclusivamente da labuta no mar. O que diferencia esse povoado dos demais localizados na Ilha de Santa Isabel é a pesca marítima.” (OLIVEIRA: 2017, 137).

Entre os diversos trabalhos analisados, percebemos que pouco se discutiu o papel das mulheres nesse tradicionalismo dominante na comunidade no tocante à educação, tendo em vista que, como já discutimos, o trabalho considerado tradicional na comunidade envolve diretamente questões ligadas à educação.

Oliveira, destaca que, apesar da difusão dos chamados saberes tradicionais de geração em geração, havia a educação formal na comunidade. “Nem toda a vila de pescadores deixou de frequentar a escola. Existia inclusive, de acordo com os colaboradores, “escolas” e “professores” que ensinavam os filhos e filhas de pescadores a ler, escrever e contar. Claro que, paralelo a isso, aprendiam também o ofício da pesca e outros conhecimentos que eram inerentes ao lugar em que viviam.” (Oliveira. 2017,73).

No entanto, como nos lembra Thompson, a experiência¹⁰ possui limites que se impõem de acordo com as condições materiais da vida. Em comunidades pesqueiras, como a Pedra do Sal nos anos 1980, a urgência da sobrevivência fazia com que muitos jovens, após aprenderem as primeiras letras e as quatro operações básicas, abandonassem a escola para dedicar-se ao trabalho. Assim, a educação formal coexistia com os saberes informais, que muitas vezes se mostravam mais significativos para a realidade cotidiana.

Questionamos a partir daqui, em que medida as mulheres da comunidade Pedra do Sal mergulharam no tradicionalismo ou “nadaram contra a maré” ao buscar novas formas de aprendizado e novas oportunidades na educação formal Neidson Rodrigues explica que

O sujeito se torna autônomo, no primeiro plano, quando capaz de estabelecer relações de equilíbrio racional entre suas emoções e paixões. Igualmente, ao se tornar capaz para assumir a responsabilidade pelo próprio corpo e as relações equilibradas com o mundo natural. E, acima de tudo, quando determinar e escolher livremente os meios e os objetivos de seu crescimento intelectual e as formas de inserção no mundo social. Preenchidas essas condições, ele pode ser reconhecido como sujeito social. (Rodrigues. 2001, 249).

Neste contexto, penso que, se entendermos como a educação formal surge na comunidade, conseguimos compreender melhor a escolhas dessas mulheres.

¹⁰ O conceito de experiência, conforme formulado por Edward P. Thompson, não deve ser entendido como mera vivência individual, mas como resultado das condições materiais e das relações sociais que moldam as possibilidades de ação dos sujeitos históricos. A experiência, portanto, possui limites, pois é atravessada por estruturas econômicas, culturais e políticas que condicionam as escolhas e práticas dos indivíduos e grupos sociais.

Entre o tradicional e a modernidade: educação, trabalho e lazer das mulheres praieiras da pedra do sal

Os trabalhos já citados neste artigo revisitaram de forma recorrente alguns aspectos do trabalho na comunidade destacando a relação entre o tradicionalismo e o cotidiano de quem, durante toda a formação da comunidade, teve uma educação voltada para o trabalho com a natureza. Francisco Raphael Cruz Maurício defende que

Falar sobre a tradição é falar sobre conhecer, ensinar, aprender a pesca, a mariscagem, a arte doceira e rendeira, atividades vinculadas ao domínio de um conhecimento do território ilhéu e das possibilidades de uso de seus recursos. Existe, assim, uma circulação de saberes e fazeres, de uma arte e de um trabalho entre diferentes gerações de moradores e parentes. Isso porque criar filho na pesca e crescer pescando, por exemplo, são ações reportadas como instituintes da **condição da pessoa tradicional**. (Cruz Maurício, 2019, p.226).

Destaco que esta pesquisa não pretende menosprezar a importância do trabalho e da educação tradicional na Pedra do Sal, tampouco desvalorizar os saberes ancestrais e os conhecimentos construídos e repassados ao longo de gerações. Para Douglas Grzembieluka as comunidades tradicionais “caracterizam-se pela diversificação nas atividades produtivas, as quais giram em torno da cultura dos conhecimentos adquiridos sobre a natureza e seu funcionamento, garantindo a sobrevivência de acordo com necessidades e principalmente com o que o meio lhes oferece” (Grzembieluka, 2012, p.125).

Logo, concordando com o autor, considero importante reconhecer e valorizar esses saberes como parte essencial da coletividade e da resistência dessa comunidade. Cabe aqui, não uma tentativa de revisão, mas de contribuição ao trazer novos questionamentos.

Nessa tentativa de trazer novos olhares sobre essa temática, concordo com Ciro Flamarion Cardoso quando este afirma que “a história seria, então, uma operação intelectual que, ao criticar as fontes, reconstruí-las à luz de uma teoria, realiza uma interpretação na qual o que importa não é só a noção de um consenso, mas também a do conflito”. (Motta, 2012, 26).

Na comunidade, com base nas entrevistas das colaboradoras, é unânime o pensamento de que havia um trabalho tradicional sendo exercido tanto por homens quanto por mulheres. No cotidiano da comunidade as crianças aprendiam o ofício dos pais no decorrer dos dias onde a infância se mistura com aprendizado, técnica e trabalho. Nos espaços reservados às mulheres, essa lógica se repetia cotidianamente, com raras exceções. Embora as mulheres muitas vezes trabalhassem na lavoura, no extrativismo, nas pescas em lagoas da região e em atividades domésticas, prevalecia o pensamento de que as mulheres “não trabalhavam”, mesmo exercendo todas estas atividades pois o trabalho doméstico não era visto como trabalho em si. Margarida relata que

Meu pai como pescador, né? Pai pescador. E só ele trabalhava, né? E aí minha mãe era pra cuidar dos filhos, mas sempre minha mãe pensava no bem da gente, né? E aí ela ficava, passava a semana todinha juntando pra no fim de semana, quando a gente vinha pra casa, ela ter aquele dinheirinho, ter um peixe, ter um arroz, um açúcar pra gente levar pra casa onde a gente ficava. E ela era uma grande incentivadora. Muito, muito, muito[...]Na minha época era só pescar. Era a única profissão que tinha. Mulher em casa, né? E o homem pra pescar. (Margarida Apud Almeida, 2025b, S.P)

Sobre isso, Francisco Raphael Cruz Maurício Cruz destaca que

Se existe uma divisão, na qual homens pegam peixe no mar e mulheres buscam caju no mato, essa divisão é costumeira, mas não é absoluta, pois os homens buscam caju, mesmo que seja por lazer, como explica Eli no trecho de sua entrevista, e mulheres pegam peixe, mesmo que raramente, como destacado por Chico. Ao que parece, o homem jovem transita entre essas duas atividades, pois muitos começam a pescar na juventude e relatam terem aprendido a buscar caju na mata com a mãe quando ainda crianças. Contudo, quando se fala do extrativismo do caju, é mais comum ouvir relatos de **grupos de mulheres** indo ao mato do que grupos de homens. E os homens que costumam acompanhar esses grupos de mulheres tendem a ser os filhos ou netos dessas mesmas mulheres. (Cruz Maurício, 2019 pg. 245)

Foi possível perceber que, apesar da diferença no recorte temporal entre a memória da colaboradora (na ocasião ela falava sobre a realidade da década de 1970) e o trecho do trabalho do autor (por ser um trabalho de sociologia, o autor trouxe depoimentos de um período mais recente – 2015/2019) a ideia de que as funções da mulher na comunidade eram subsidiárias às funções “masculinas” ou mesmo nulas quando se fala em trabalho, permeava o pensamento da comunidade e resistia ao tempo.

Para Dárcia Amaro Ávila e Paula Regina Costa Ribeiro é necessário repensar a relação entre as mulheres e meio ambiente pois

As mulheres são consideradas importantes aliadas para a busca do desenvolvimento e desenvolvimento sustentável, neste sentido, provocar a discussão sobre as mulheres, os modos de se relacionar com o meio ambiente e a natureza, as condições materiais, sociais, econômicas e políticas que as mulheres enfrentam e a desvinculação dos homens nesse processo, torna-se fundamental para uma educação ambiental problematizadora que busca outra forma de existência no planeta. (Ávila; Ribeiro, 2017, pg. 08)

Embora a ideia de “trabalho” seja bastante restrita na visão dos moradores e moradoras locais, optei, para fins de organização, por aprofundar essa discussão para um outro tópico deste artigo e focar no aspecto da “educação” – se é que é possível tal separação.

A educação

Como foi possível perceber a partir das narrativas, é inegável que a comunidade da Pedra do sal tenha preservado aspectos do tradicionalismo desde sua formação. Fazendo um novo recorte aqui, me pergunto onde estão as mulheres que buscaram de forma consciente ou

não, subverter essa ordem? E se elas existem, onde estão? Para tentar responder esse questionamento, voltemos para a educação formal.

A educação formal¹¹ aqui é entendida não somente como acesso ao conhecimento formal, mas como um processo de emancipação que permite novas oportunidades na construção de novos projetos de vida em um território marcado por tradições. Nesse espaço marcado pelo tradicional, buscamos compreender como se operava a construção da autonomia feminina.

Ao explorar as trajetórias educacionais dessas mulheres, busco refletir sobre quais os desafios foram enfrentados por essas mulheres para terem acesso à educação formal e os impactos dessa escolha em suas vidas e na comunidade.

Transformações em Parnaíba: a década de 1980

No início da década de 1980 Parnaíba observava e ainda sentia efeitos das “grandes obras” de infraestrutura do período ditatorial militar, característica do chamado “milagre econômico” brasileiro.¹² Na pequena cidade litorânea, a recém-construída ponte Simplício Dias (1970-1975) simbolizava o pretense “progresso” que ditou os discursos do regime militar. A ponte, que ligava as comunidades insulares ao centro da cidade era acompanhada por uma estrada que seguia da ponte à praia.

Esse não era um fenômeno isolado. A propaganda espalhava-se pelo Piauí e Brasil adentro. Para Joel Batista e Francisco Nascimento

Os jornais da grande imprensa, durante o “milagre econômico”, retratavam um ambiente de otimismo e crescimento, não apenas no cenário nacional, mas também no estadual, ao abordar a situação socioeconômica das unidades da Federação e as políticas implementadas por seus governadores. (Batista; Nascimento, 2025, p. 02).

A ponte marcaria agora, ao mesmo tempo, elemento de ligação e separação das duas “Parnaíbas”. Essa relação entre as duas partes da cidade se mostra bastante complexa. Havia, antes da construção da ponte, ligação por barcos entre a praia e a “cidade”. Daniel Braga afirma que “por mais isolada que seja, como é o caso dos povoados, não é autônoma, pois mantém relações, de alguma maneira, com a cidade e o mercado” (Braga: 2016, 71). Se logisticamente

¹¹ A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (Gohn 2006, p. 28)

¹² Durante a ditadura militar (1964-1985), o Brasil implementou grandes reformas de infraestrutura, como rodovias, hidrelétricas e complexos industriais, visando modernizar o país e estimular o crescimento econômico. Esse período, marcado pelo regime autoritário, também ficou conhecido pelo “Milagre Econômico”, com rápido desenvolvimento industrial e urbano, mas aumento da desigualdade social e restrição de direitos civis.

a ponte facilitaria a travessia dos moradores, também passaria a marcar o mundo “do outro lado da ponte” como o “rural”, “o abandonado” e a “praia”.

Pedro Vagner, citando Daniel Braga afirma que

“até os idos de 1975, “ir à Parnaíba quase sempre era uma atividade que exigia esforço físico, disponibilidade, força de vontade e, principalmente, tempo”. O trajeto percorrido sozinho ou em grupo, em meio às areias fofas até a margem do Igaracu, era uma jornada árdua e cansativa que demorava algumas horas. (Braga, 1998, apud Oliveira, 2020, p.60)

Outras transformações importantes incluem a fundação da primeira escola na comunidade, em 1982¹³, um divisor de águas na experiência cotidiana da comunidade. Este é um marco que é revisitado nas fontes escritas e nas falas das colaboradoras pois antes disso, a educação formal e o letramento partiam da iniciativa dos particulares. Isso fica exposto na fala de Dona Rosa. Ao relatar as dificuldades, lembra que

A escola era na casa do professor, quando eu estudei. Era na casa do professor e depois mudaram para uma casa lá na praia. Que eu acho que o local dessa casa é lá no meio do mar. Porque a maré veio, né? A natureza veio desgastando para cá. E foi lá onde eu terminei a quarta série, né? Aí fazer o quê depois disso? Muitos encerravam a carreira, só que nós não. Nossos pais conseguiam parentes que moravam na cidade, aí botavam um filho numa casa, outro filho em outra casa, outro filho em outra casa, para poder estudar. (Rosa Apud Almeida, 2025a, S.P)

A trajetória de vida dos sujeitos, especialmente daqueles que vivenciaram a transição entre o isolamento territorial e a integração regional, revela um processo de adaptação às novas condições sociais, econômicas e culturais. É importante notar que as condições espaciais e geográficas muitas vezes definiam a realidade educacional dessas crianças. Isso fica perceptível quando a colaboradora fala no trecho citado que “muitos encerravam a carreira” por ali, mostrando que a escolha por “abandonar os estudos” e voltar-se exclusivamente para algum trabalho tradicional na comunidade era muito mais uma imposição geográfica e socioeconômica do que uma escolha individual.

Nesse sentido, a trajetória educacional dos indivíduos não pode ser dissociada de suas vivências familiares, comunitárias e profissionais. O ingresso na educação básica, a permanência nos estudos e, em alguns casos, a continuidade em níveis mais avançados de ensino, refletem escolhas, desafios e conquistas que moldam a trajetória de vida como um todo.

¹³ A comunidade de Pedra do Sal conta atualmente com duas instituições de ensino público: a Escola Municipal Dr. João Silva Filho, que oferece ensino fundamental e foi fundada em 1982, e a Escola Municipal João Severo, voltada para a educação infantil, inaugurada em 2006. No entanto, é importante destacar que não há oferta de ensino médio dentro da própria comunidade. Dessa forma, os moradores que desejam dar continuidade aos estudos após o ensino fundamental precisam se deslocar até a zona urbana de Parnaíba — comumente referida pelos próprios moradores como “a cidade” — para frequentar escolas que ofereçam essa etapa da educação básica.

As dificuldades no acesso à educação formal na comunidade encontravam-se também no campo político. Os próprios jornais da época já abordavam os problemas no sistema educacional no âmbito estadual, municipal e local. O jornal *INOVAÇÃO* em edição de 1981 destacava como a interferência política determinou em muitos aspectos quem poderia ou não estudar na comunidade. No trecho citado, o jornal traz a seguinte redação com o título Roberto Silva: ignorância e arbitrariedade:

A atitude retrógrada e altamente ignorante do Sr. Roberto Silva deixou 50 crianças da Pedra do Sal a oportunidade e o direito de terem uma escolinha. Acompanhado de capangas devidamente equipados, o Sr. Roberto destruiu, completamente a cerca de arame farpado que guardava o prédio da escola da invasão de animais. A professora da comunidade Rita Lessa que não se encontrava no local na hora do vandalismo, viu-se desprotegida, desistindo de continuar morando na localidade. (*Inovação*, 1981, p. 14)

O trecho da notícia deixa claro o contexto político em que a comunidade se inseria. As terras ocupadas pelas famílias de moradores apareciam nas questões fundiárias de décadas anteriores onde uma família de Parnaíba alegava ser dona de toda a área. Segundo Maurício

Durante o século XX até o início do XXI, os moradores da Pedra do Sal viveram sob o domínio da família Silva, composta por políticos e fazendeiros de Parnaíba. Apesar de não terem a posse legal das terras de Ilha Grande, só conquistada em 1989, os Silva controlavam o ingresso de pessoas no povoado e sua permanência através de um tipo de patronagem que combinava elementos da relação de moradia com o coronelismo político. O acesso a “terrenos” era retribuído com a fidelização do voto em candidatos da família Silva em pleitos políticos (Maurício, 2023, p.281.)

O medo e a resistência da comunidade em relação aos desmandos da poderosa família aparecem constantemente nas memórias e na literatura local. Francilda Maria Rocha, autora do livro *Memórias da Pedra do Sal*, ao apresentar as memórias de moradores sobre as origens da comunidade destaca que

Eram poucos os pescadores que viviam como a família de João Severo e do Ricardo. Foi somente depois de certo tempo que foram chegando outras famílias, como as de Silva. Os Silva fizeram as casas nas pedras para mostrar a grandiosidade da força que tinham no lugar e que lhes dava o direito de ocupar uma área pertencente à Marinha, comenta o pescador. A história da família Silva na formação da Pedra do Sal também foi contada. Tudo começou quando o Seu Garajau chegou por aqui. Já existiam pessoas morando no local, mas quando o Tavares velho vinha montado em seu cavalo, amarrava-o debaixo da latada do Coringa, uma bodega que existia no povoado, e saía passeando na praia, olhando as pedras e o que existia na região. Sentia-se dono de tudo. — “O velho, como tinha terreno fora da comunidade, chegou dizendo que as terras lhe interessavam; pegou, escreveu e até hoje em dia a família dos Silva diz ser dono da Pedra do Sal. (Rocha, 2014, p.10)

Essa questão política atravessou toda a história da comunidade e fixou-se no imaginário local. Na questão da educação, permanece na memória da comunidade que parte das dificuldades estariam associadas à atuação da família Silva.

Interessante notar que o trecho do jornal citado acima corrobora as informações relatadas por moradoras como Dona Jasmim. Ela, ao lembrar dos processos de ensino aprendizagem durante a década de 1980 afirma que

Aqui era o “curral eleitoral dos Silva, né? E aí não se construía casa, não se fazia nada. Aí chegou essa pessoa para fundar a escola. E ela mesmo educava. E ela começou a educar. Fomos com os pais da gente construir a escolinha. Fez a cerca, aí o “Silvas” vieram e derrubaram, ela fez de novo e vieram e derrubaram. Da terceira vez, eles já não derrubaram a cerca. Ela construiu a escola em parceria com a comunidade. Foi a comunidade que construiu a escola. E aí fomos ser alfabetizados por ela. (Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P.)

Para Alessandro Portelli “a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados.” (Portelli, 1997, p. 31). O impacto da derrubada da cerca da escola, evento citado pelo jornal e pela colaboradora, tem um significado que vai para além da questão material. Estudar na comunidade em fins da década de 1970 e início da década de 1980 representava resistência, desobediência.

Rememorando o período após 1982, a colaboradora, ao destacar a importância da construção da escola e do processo de alfabetização a que teve acesso naquele contexto, lamenta que a comunidade como um todo, não tenha dado a devida valorização para a educação. Segundo ela, “a questão da educação aqui ainda é um desafio pra comunidade. Porque as pessoas têm uma mentalidade assim, a maioria. Concluiu o primário, o ensino médio, pronto. Já terminou os estudos. Gente, o estudo nunca acaba. O conhecimento nunca acaba. Ali, ele vai sempre estar. A gente tem sempre que ir buscar.” (Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P.)

Embora se destaque na fala das colaboradoras que os esforços individuais foram importantes para a aprendizagem, notamos nas falas apresentadas que as questões de gênero atravessam a discussão sobre acesso à educação na comunidade. Mesmo quando estas entendam que muitos jovens daquela geração simplesmente optaram por não aderir à educação formal, deixam nas entrelinhas de suas falas a percepção de limitações muito mais profundas. Corroborando a fala de Dona Jasmim citada anteriormente, Margarida afirma que

[...] tem aqueles que deixaram de estudar porquê... não tinha interesse mesmo de estudo. Acabaram casando. E aí pronto, casou a vida parou. Não teve mais interesse de seguir nos estudos. Preferiam ficar sendo **sustentada** pelo marido. Naquele tempo, o pessoal pensava muito nisso, que a mulher tinha que ficar em casa, o marido tinha que trabalhar e sustentar a mulher e os filhos. Era essa a regra. E não pensava muito, não tinha uma ambição na vida de trabalhar, de ser independente. Não tinha essa ambição. Isso era para poucos. Não concluíram. Mas antes da minha época, era muito difícil. Muito difícil uma pessoa chegar até o ensino médio. (Margarida Apud Almeida, 2025b, S.P.)

Inevitavelmente, retorna-se ao ponto em que o “lugar da mulher” reaparece nas falas. A fala deixa claro que, com raras exceções, o fim da jornada educacional para as mulheres seria “voltar ao lar”.

Em relação à qualidade da educação ofertada após a construção da escola João Silva Filho na década de 1980, Jasmim transparece descontentamento. Segundo ela, apesar da construção da escola oficial pela gestão pública após 1982, as professoras que lecionavam ali não tinham a formação adequada para tal. Ela relata que

“Não tinha formação. Não ensinava. Só era o A, E, I, O, U. A maioria tinha a normal, depois foi fazer a (escola) normal. A normal, elas, professoras... Fizeram depois que já exerciam a profissão.” (Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P)

Na fala da colaboradora fica perceptível que a educação formal e a alfabetização foram importantes etapas dentro de sua formação como moradora da comunidade. Ela associa seu sucesso pessoal ao contato entre a educação formal e os saberes tradicionais que aprendeu de seus pais, sempre destacando em sua fala, de onde viera e qual a importância do aprendizado na “educação informal”.

O Trabalho das mulheres da Pedra do Sal

No desenvolvendo das discussões sobre a formação educacional na comunidade, a ideia de trabalho vem à tona na medida em que nos aprofundamos sobre a educação das mulheres nativas mostrando a dificuldade de abordar cada tema separadamente. Falar em comunidade tradicional significa, antes de tudo, falar na educação para o uso dos recursos e no trabalho com esses recursos.

É perceptível na construção deste trabalho que o fato de ser uma comunidade praieira e pesqueira influenciou o modo de vida dos moradores e das moradoras da Pedra do Sal no aspecto educacional. Como citado anteriormente, a educação formal, que só viria a contemplar a comunidade a partir de meados da década de 1980 pouco interferiu na estrutura dessa comunidade *periurbana* onde as crianças que ali residiam acabavam por dedicar-se às atividades tradicionais citadas. Apesar da construção da chamada *escola nova*, os problemas estruturais da comunidade ainda permaneciam. A questão do transporte, ligada ao descaso da administração pública municipal foi tema do jornal *inovação* em matéria de 1982 o relata-se que

As mesmas dificuldades enfrentadas pelas pessoas na zona urbana, são vivenciadas pelos que habitam as **zonas rural e praiana**. Em tudo há um grave problema: os proprietários das empresas de ônibus são cabos eleitorais dos Silva em potencial. Assim sendo, a população que se dane! Moradores da Pedra do Sal ficam, geralmente, 30 dias sem poder vir **à cidade** por falta de condução. E não adianta abaixo-assinado

(já fizeram dezenas), e não adianta gritaria. Isto prova, conforme abordamos inúmeras vezes, que a administração está afastada do povo e não interessa resolver os diversos problemas. Ainda querem explicação para a inexpressiva votação de Alberto Silva, em Parnaíba (Inovação, 1982, p. 10)

Importante destacar aqui que os prefeitos de Parnaíba entre 1983 e 1991 foram João Baptista Ferreira da Silva e João Tavares da Silva Filho, membros ligados aos interesses da família Silva.

Havia, então, três situações em que se enquadrava o pequeno grupo de 50 crianças¹⁴ em idade escolar: concluir o ensino fundamental e seguir para o ensino médio na zona urbana (as colaboradoras usam o termo “cidade”), concluir o ensino fundamental e optar por “encerrar” a vida escolar neste ponto ou evadir-se da escola para dedicar-se exclusivamente ao trabalho.

Por motivos já citados que incluem desde uma rede de apoio familiar e a valorização da “escola” até as condições socioeconômicas, o segundo e o terceiro grupo foram predominantes, sendo o primeiro grupo, a “exceção à regra”. A dificuldade em encontrar documentos e outras fontes escritas da época dificultou a realização de uma abordagem mais quantitativa. Os grupos aqui apresentados baseiam-se quase exclusivamente nos testemunhos orais dos colaboradores e colaboradoras.

Notamos que, independentemente de concluir ou não “os estudos”, esses jovens acabavam aprendendo algum ofício como pesca, extrativismo, renda, bordado, etc. Dona Jasmim conta que

E quando é essa época, até agora, novembro, venta muito aqui. Então, os pescadores não vão para o mar. Porque é muito vento, não conseguem ir. Aí eles vinham pra onde? Pra Lagoa, pegar a saúde. **E não só as mulheres. Eu cresci pescando.** Essa semana eu tava lá no Labino, no terreno do meu ex-marido até conversando na rede. E aí, a gente estava falando, eu dizendo assim, quando eu era pequena, eu vinha com água aqui no pescoço, meu pai pescando, me falando dos peixes, quem a gente precisava preservar, quem precisava cuidar. Aí eu citava o nome dos peixes, das coisas. Então, é preciso que a comunidade se entenda tradicional para poder preservar isso. (Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P.)

A colaboradora destaca que, como mulher, aprendeu a pescar e valorizar o ofício do pai, que era pescador. Para ela, ter frequentado a escola ao mesmo tempo em que absorveu os conhecimentos tradicionais repassados de geração a geração, tornou possível, destacar-se como profissional artesã nos dias atuais.

Jasmim procurou especializar-se na área do bordado, do extrativismo e da pesca, sendo hoje uma educadora para outras mulheres. Ela conta que participa de projetos, viaja e

¹⁴ Como citado anteriormente, o jornal INOVAÇÃO afirma na matéria de 1981 que ali existia um grupo de cerca de 50 crianças.

compartilha seus conhecimentos com outras mulheres através de cursos. Isso “quebra” a ideia de que a geração de mulheres que se dedicou às atividades tradicionais deixou necessariamente de se especializar de alguma forma. Sobre educação e o ofício de suas irmãs e irmãos ela conta que

Duas terminaram o ensino médio, uma fez o **normal superior**, na época, né? Na escola normal, superior. Tudo mora aqui na região. Somos **quatro artesãos, duas comerciantes e um pescador**. Todo mundo mora na região. São nativos. A única que conhece o mundo assim é porque eu viajo com meus trabalhos. Aí eu aproveito para conhecer. Mas assim, antes de eu ser artesã, eu aprendi com minha mãe. E aí eu tinha uma vida estruturada. Foi quando eu me separei que minha vida deu assim um giro. Aí eu disse assim, eu vou viver do quê? Ah, vou bordar, mais as mulheres. Aí eu comecei a ter outra vida. (Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P.)

O trecho destacado mostra que as atividades laborais dessa geração variavam bastante tendo em sua família quatro irmãs que seguiram a profissão do artesanato, um irmão que seguiu a atividade do pai e duas irmãs que optaram por empreender na própria comunidade.

O trabalho de jovens e crianças para ajudar os pais “na renda da casa” era algo comum. Como conta seu Francisco “aqui a gente começava a pescar em lagoa, quando nós éramos menino nós era estilo índio, né.”(Jasmim Apud Almeida, 2025c, S.P.) Os jovens tinham como dever ajudar os pais nas atividades do lar e na roça desenvolvendo assim, desde pequenos, um contato com as técnicas da pesca e da agricultura. Mesmo as meninas, frequentemente ensinadas sobre os “trabalhos do lar” aprendiam e participavam dos mesmos processos que os meninos. Como relembra seu Manoel João, agricultor aposentado, afirmando que “menina de dez e oito anos, tudo ia ajudar os pais naquele tempo”.¹⁵

Para Francisco o aprendizado das técnicas de todo o trabalho artesanal acontecia de forma espontânea no decorrer do dia-a-dia. Ele relembra que

(...)foi no dia-a-dia mesmo vendo aqui as pessoas pescar. Tinha assim as formas de pescar, as melhores áreas de pescar, as táticas, isso aí foi necessário ensinar, né. Mas muitas coisas você aprendia “cê” vendo, no dia-a-dia. Porque “cê” já nasce vendo, né. Primeiro que “cê” tem quatro anos, cinco anos, você começa a ter entendimento das coisas, o pai vai chegando ali, consertando o material, cê vai acompanhando, cê vai vendo, então são coisas que não são necessárias se dizer, “faz isso assim, isso assim”, “cê” mesmo ta vendo, foi o dia-a-dia, a gente aprendeu quase no tempo mesmo.¹⁶

A fala do morador destaca uma característica marcante das comunidades tradicionais que seria a produção e reprodução do “conhecimento tradicional” passado de geração a geração

¹⁵ Manoel João da Silva. Agricultor aposentado, 76 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 23 de Dezembro de 2012.

¹⁶ Entrevista de Francisco, 55 anos, pescador e morador da Pedra do Sal a Francisco Raphael Cruz Maurício em 24/05/2015.

carregando elementos da cultura de uma determinada sociedade.¹⁷ No caso da comunidade Pedra do Sal este conhecimento tradicional reproduzia não somente as técnicas de pesca, extrativismo e artesanato, como também uma diversidade de elementos da cultura local. Como é o caso de seu João, que fala com exaltação sobre a atividade que passou de geração a geração em sua família, afirmando que “(...) meu bisavô, ele já era pescador, e meu avô também foi pescador, e meu pai também foi pescador e eu também sou pescador, então isso aí já é a quarta geração, né”.¹⁸

Se, para a família de Jasmim, o aprendizado tradicional contribuiu para sua formação profissional e pessoal, para outras famílias a realidade foi diferente. Muitos jovens optaram por uma atividade remunerada na comunidade ainda na adolescência ou seguiram “os estudos” deixando o trabalho na comunidade para trás.

Segundo dona Rosa ao lembrar sobre a situação dos homens de sua geração, ela conta que “assim, tem uma minoria (que permaneceu na escola) ... E até que ainda chegaram a tentar, mas aí desistiram. Muitas vezes também é a falta de incentivo. Eu tiro pelo meu marido, que a família dele tirou ele da escola para ele trabalhar para ganhar dinheiro. E até hoje não ficou rico. Pois é. E assim são muitos.”(Rosa Apud Almeida, 2025, S.P)

Já na família da colaboradora, a oportunidade de continuar estudando, apesar das dificuldades, resultou diretamente em sua formação com professora. Ela reconhece que as condições materiais e econômicas de sua família foram definitivas para ela conseguir “seguir estudando”. Ela afirma que “nós tivemos mais oportunidades porque meu pai comprou uma casa, meu pai pescador, comprou uma casa em Parnaíba e os sete filhos foram morar nessa casa. Foram morar nessa casa, nós sete, para estudar. E as irmãs também depois fizeram, eu também lá.” (Rosa Apud Almeida, 2025, S.P)

A colaboradora, de 64 anos foi professora na escola João Silva Filho ainda na década de 1980. Ela destaca que, profissionalmente, todas as oportunidades vieram a partir da educação formal. Para ela havia uma ideia de que o desenvolvimento profissional e a melhora de vida só seriam conquistadas ao sair da comunidade, seja para estudar, seja para trabalhar. Ela conta que

a gente sempre pensava que lá (área urbanizada de Parnaíba) era onde a gente ia dar o segundo passo, né? E na realidade não foi. Tava era aqui. A oportunidade tava era

¹⁷ “(...)Conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas destas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Neste sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”, mas sim um continuum entre ambos” (DIEGUES,1999, p.30).

¹⁸ Entrevista de João, 56 anos, pescador e morador da Pedra do Sal cedida a Raphael Cruz Maurício em 24/05/2015.

aqui, na **minha comunidade**. É assim, eu tinha que prestar serviço era aqui...Eu trabalhei foi aqui. Passei 28 anos trabalhando nessa escolinha bem aí, a Escola Doutor João Silva Filho. Eu não fui dessas professoras que ficou pingando de escola em escola, não. A vida toda só numa escola. E... Em certos pontos, eu me senti realizada porque eu contribuí com a minha comunidade. Eu alfabetizei muitos, muitas crianças. Eu comecei trabalhando com alfabetização, que nesse tempo era dessa forma, era alfabetização. Alfabetização, primeiro, segundo terceiro... quarto. Aí a gente pegava os meninos e ia dando sequência, né? Alguns iam ficando pra trás, mas outros iam conseguindo. (Rosa Apud Almeida, 2025a, S.P)

A colaboradora afirma que, os contatos políticos de sua família com a família Silva também foram extremamente importantes para sua formação. Segundo ela, a oportunidade de trabalhar na própria comunidade trazia inúmeros benefícios.

Porque algumas pessoas dentro da comunidade passaram a criticar que a gente tinha ido para a cidade para **estudar tanto** e depois veio trabalhar aqui no interior. Só que o dinheiro que se ganha na cidade é o mesmo que se ganha aqui. Então, aqui a gente tinha casa para morar, não precisava de transporte, pagar transporte para ir trabalhar e tudo era mais fácil. Mais vantajoso também. Eu nunca me arrependi. Nunca, nunca me arrependi de ter sido dessa forma, né? Ter ido para lá para estudar e depois ter **retornado** para prestar serviço na minha comunidade. Quem conseguiu para mim foi a primeira dama, Almira Silva, na época do governo do doutor Silva. Foi ela que conseguiu para mim. Pra trabalhar aqui na comunidade. (Rosa Apud Almeida, 2025a, S.P)

A colaboradora destaca que na década de 1980, para sua família, quem “tinha condições” de ir embora da comunidade para trabalhar, teria as melhores oportunidades pois imperava o pensamento de que não havia emprego (no sentido formal) na comunidade. No entanto, ela reforça que, sem a devida qualificação, muitas mulheres acabavam voltando.

A ideia de que “sair da comunidade” era necessário para o desenvolvimento profissional e individual baseava-se na própria ideia que se construiu sobre a comunidade. Entre as décadas de 1970 e 1980 Parnaíba passava a vender a ideia de progresso a partir de reformas e melhorias deixando à margem, os bairros periféricos. Caio Passos no início da década de 1980 usa o termo “zona rural” para se referir ao antigo bairro Cantagalo e às comunidades que se localizavam nas margens do rio Igaraçu. Ao descrever o bairro naquela época o autor afirma que “as suas casas de construções rústicas se espalham aqui e acolá. Os seus moradores são humildes e vivem ainda, em cotidiano DO PASSADO, da pesca e da roça” (PASSOS, 1982, p.26).

Esse pensamento ecoou por gerações e encontrava na realidade material da Pedra do Sal uma comunidade que, de fato, apesar das belezas e recursos naturais abundantes, carecia de assistência do poder público. É nesse vazio de oportunidades que a colaboradora rememora

Olha, minhas primas... Muitas das minhas primas foram trabalhar para São Paulo. Algumas se deram bem e outras não. Voltaram. Eu acho que uma boa parte foi por falta mesmo de estudo. Porque elas saíram daqui para trabalhar em casa de família, como **doméstica**. Só que algumas que já tinham um pouco de estudo procuraram outro tipo de emprego, né? E muitas ainda estão por lá, mas outras tiveram que voltar. Aí, inclusive, eu tenho uma prima que ela dizia, que as outras diziam, que aqui só tinha

emprego para as caracas, que era nós, né? Aí, a minha prima dizia assim. E ela diz que dizia assim, olha, elas estudaram e nós não. Nós não. Tiveram que sair de casa para trabalhar, né? E nós não. Meu pai e minha mãe tiveram muito interesse em botar a gente para estudar. Mesmo com necessidades, mas estudar. (Rosa Apud Almeida, 2025, S.P)

Nesse contexto, muitas jovens eram mandadas para Parnaíba para estudar e acabavam por se submeter ao trabalho doméstico.

Muitos foram. Muitos. geralmente são as mulheres que saem com essas promessas. Algumas estudaram, chegaram a estudar mesmo, aos trancos e barrancos estudaram, mas outras não. Aí eu não sei se foi a família que levou, que quando chegou lá fez tudo diferente, ou a pessoa mesmo que não se interessou muito, né? Para estudar. (Rosa Apud Almeida, 2025a, S.P)

Nota-se aqui que o trabalho e a educação da mulher nativa da comunidade dependiam muito mais de uma iniciativa individual que envolvia uma rede de apoio dentro de cada família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dialogar com as colaboradoras sobre suas vivências e experiências e sobre as possibilidades de ensino- aprendizagem e trabalho na Pedra do Sal da década de 1980 pude perceber que os foram processos de extrema complexidade que envolveram dificuldades estruturais. Em uma comunidade pesqueiro- praieira no litoral do Piauí que ficava longe o suficiente da cidade para isolar seus moradores e perto o suficiente dessa mesma cidade para impacta-los de alguma forma, notamos que a formação das mulheres da Pedra do Sal juntava o trabalho e a educação tradicional com a educação formal na medida em que os saberes tradicionais eram transmitidos quase que cotidianamente.

Na comunidade, o contato direto com a natureza dentro um quadro em que em se incentivava o aprendizado dos saberes tradicionais durante a formação era algo esperado em uma comunidade tradicional pesqueira. Aprender a pescar, bordar, fazer renda, extrair os recursos naturais e saber utilizar-se de tudo aquilo que vinha da terra era um processo quase natural que ocorria no próprio cotidiano do morador e moradora. A educação formal, e escola e o ensino escrito, de outro modo, eram a novidade na Pedra do Sal da década de 1980.

Como apresentado nas falas das colaboradoras, a escola recém construída era o “novo, e o “desconhecido” e que para muitos jovens da comunidade, era algo de pouco ou nenhum retorno imediato. Podemos perceber que, em uma comunidade onde crescer e trabalhar era algo quando simultâneo, a escola no sentido formal, fazia pouco sentido para aqueles jovens, o que

motivava muitas vezes a evasão ou a “finalização” precoce do processo de ensino forma ali presente.

A realidade na comunidade apresentava limitações de cunho material. Apesar dos pequenos progressos, o simples processo de sair ou entrar na comunidade já era cheio de dificuldades onde o transporte público, a luz elétrica, a água encanada eram a novidade, e não o comum.

Apesar de todos os empecilhos citados, nossas colaboradoras mostraram que o processo de ensino-aprendizagem formal, apesar de ter entrado lentamente no cotidiano, operou pequenas mudanças naquela geração, sendo elas, exemplo disso.

As professoras na comunidade mostraram que era possível sair, estudar, forma-se e retornar para a comunidade como profissionais da educação a partir daquela década. O esforço individual e as condições materiais da família das colaboradoras devem ser levados em conta, claro.

A terceira colaboradora nos mostra que a educação formal pode e deve ser inserida em uma comunidade tradicional sem interferir ou eliminar os saberes tradicionais até ali ensinados. As condições materiais importavam a ponto de muitas vezes influenciar os caminhos que elas seguiriam. A década de 1980 viu chegar a estrada, a ponte, o ônibus, a água encanada e a luz elétrica na comunidade, mas pouco alterou as possibilidades de transformação social.

Concluimos que a geração de 1980 naquela comunidade, subvertendo as limitações impostas, pôde unir conhecimentos e saberes tradicionais e ainda assim, acessar outras formas de educação e trabalho. Assim a mulher da Pedra do sal pôde ser professora, bordadeira, artesã, dona de casa, empreendedora ou o que desejasse ser naquele momento inspirando a geração posterior de mulheres nativas que viriam a adentrar na faculdade e pós-graduação.

Aprender a fazer o bordado não as impediu de aprender a ler e escrever, contar suas histórias, viajar e viver outros ritmos. Do outro lado, estudar e lecionar não as tirou os status de mulher tradicional de uma comunidade praieira ou as impediu de contribuir para a sua comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luane. Vozes da Pedra do Sal: Memórias Femininas de Trabalho e Educação no Litoral do Piauí (1980). Entre Marés e Memórias: Histórias da Pedra do Sal (Parnaíba-PI). Parnaíba, 04 de novembro de 2025a. Disponível em: <https://marememoria.blogspot.com/>. Acesso em: 04/11/25.

ALMEIDA, Luane. Vozes da Pedra do Sal: Memórias Femininas de Trabalho e Educação no Litoral do Piauí (1980). Entre Marés e Memórias: Histórias da Pedra do Sal (Parnaíba-PI). Parnaíba, 04 de novembro de 2025b. Disponível em: <https://marememoria.blogspot.com/>. Acesso em: 04/11/25.

ALMEIDA, Luane. Vozes da Pedra do Sal: Memórias Femininas de Trabalho e Educação no Litoral do Piauí (1980). Entre Marés e Memórias: Histórias da Pedra do Sal (Parnaíba-PI). Parnaíba, 04 de novembro de 2025c. Disponível em: <https://marememoria.blogspot.com/>. Acesso em: 04/11/25.

ÁVILA, Dárcia Amaro; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Gênero, mulheres, feminismos e meio ambiente: problematizações para a Educação Ambiental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th Women's Worlds Congress, 13., 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos ... Rio Grande: [organização], 2017. v. 1. p.08.

BARROS, José D' Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. LPH - Revista de História da UFOP. n° 15, 2005.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 52, 2021, p. 397-419. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>. Acesso em: [data de acesso]. DOI: 10.14195/0870-4147_52_17.

BATISTA, Joel Marcos Brasil de Sousa; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “Está chegando a vez do Piauí”: a representação do desenvolvimento do estado do Piauí durante a ditadura militar nas páginas dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo (1964-1975). Anais do 33.º Simpósio Nacional de História, [local?], 2025. Disponível em: https://www.snh2025.anpuh.org/resources/anais/11/snh2025/1755896137_ARQUIVO_d4a864fb90987fa2325dfd13be2f5a45.pdf. Acesso em: 05/10/25.

DIEGUES, A.C. (org.) Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. NUPAUBUSP/PROBIO-MMA/CNPq: São Paulo. 1999

DULLEY, Richard Domingues. Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. Agric. São Paulo, São Paulo, v. 51, p. 15-26, 2004.

- GOHN**, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- GRZEBIELUKA**, D. *Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras*. Revista Geografar, Curitiba, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5380/geografar.v7i1.21757.
- HOBBSAWN**, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEFEBVRE**, Henri. **Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MAURÍCIO**, Francisco Raphael Cruz. **Os filhos do lugar: crônicas da territorialidade pedral**. Tese de doutorado, Sociologia, UFC, 2020.
- MAURÍCIO**, Francisco Raphael Cruz. **Andar e viver tranquilo: movimento e estabilidade no litoral piauiense**. In: GUEDES, André Dumans; SOUZA, Candice Vidal et al. (Orgs.). *Movimentos, mobilidades, lugares: antropologias das mobilidades*. Belo Horizonte: ABANT, 2023. p. 276-292. DOI: 10.48006/978-65-87289-16-8-9.
- MEIHY**, José Carlos Sebe Bom; **SEAWRIGHT**, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.
- MOTTA**, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 297–316.
- OLIVEIRA**, Pedro Vagner Silva. **Mar à venda: pescadores e turismo no "Piauí Novo" (anos 1970)** Dissertação. Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.
- OLIVEIRA**, Pedro Vagner Silva. **Casas de lenha, bolos e trabalhar fora: labuta feminina e mulher em narrativas de Pedra do Sal**. Encontro Regional Sudeste de História Oral. *Alteridades em tempo de (in)certeza: escutas sensíveis*.
- POLLACK**, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v.5, n. 10, p. 200-212, Rio de Janeiro, 1992.
- PORTELLI**, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ROCHA**, Francinalda Maria Rodrigues da. **A sereia Mariá e as histórias das comunidades da APA do Delta do Parnaíba**. Parnaíba: Sieart, 2015.
- ROCHA**, Francinalda Maria Rodrigues da; **BRAGA**, Osmar Rufino; **MELO**, Samuel Pires. **Casimiro Pedral e a história da Pedra do Sal: recortes e memórias**. Parnaíba: SIEART, 2014.
- SANTOS**, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 4ª ed. 1996.

SILVA, Breno Trindade da. **Povos e comunidades tradicionais: algumas considerações sobre processos políticos e ecológicos**. *Revista do Departamento de Ciências Sociais – PUC Minas*, v. 4, n. 1, 2022.

SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o avesso da Belle Époque**: Cotidiano e pobreza (1930-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2012.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.